



PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

SUBSECRETARIA DE ENSINO

COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO

4.º Bimestre

LD7

ESCOLA MUNICIPAL _____

NOME: _____ TURMA: _____

2012

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
SUBSECRETARIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO
COORDENADORIA TÉCNICA

GINA PAULA BERNARDINO CAPITÃO MOR
COORDENAÇÃO

ANA PAULA DE LISBÔA
ELISABETE BRANDT
FERNANDO AROSA
ELABORAÇÃO

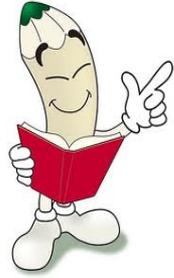
CARLA DA ROCHA FARIA
LEILA CUNHA DE OLIVEIRA
REVISÃO

LETICIA CARVALHO MONTEIRO
MARIA PAULA SANTOS DE OLIVEIRA
DIAGRAMAÇÃO

BEATRIZ ALVES DOS SANTOS
MARIA DE FÁTIMA CUNHA
DESIGN GRÁFICO



No caderno anterior, você estudou **crônicas**. Vamos, então, ler uma crônica literária e lembrar o que a faz ser classificada dessa forma.



A arte de ser feliz

Ser feliz é uma arte?

Houve um tempo em que a minha janela se abria para um chalé. Na ponta do chalé brilhava um grande ovo de louça azul. Nesse ovo costumava pousar um pombo branco. Ora, nos dias límpidos, quando o céu ficava da mesma cor do ovo de louça, o pombo parecia pousado no ar. Eu era criança, achava essa ilusão maravilhosa, e sentia-me completamente feliz.

Houve um tempo em que a minha janela dava para um canal. No canal oscilava um barco. Um barco carregado de flores. Para onde iam aquelas flores? quem as comprava? em que jarra, em que sala, diante de quem brilhariam, na sua breve existência? e que mãos as tinham criado? e que pessoas iam sorrir de alegria ao recebê-las? Eu não era mais criança, porém minha alma ficava completamente feliz.

Houve um tempo em que a minha janela se abria para um terreiro, onde uma vasta mangueira alargava sua copa redonda. À sombra da árvore, numa esteira, passava quase todo o dia sentada uma mulher, cercada de crianças. E contava histórias. Eu não a podia ouvir, da altura da janela; e mesmo que a ouvisse, não a entenderia, porque isso foi muito longe, num idioma difícil. Mas as crianças tinham tal expressão no rosto, e às vezes faziam com as mãos arabescos tão compreensíveis, que eu participava do auditório, imaginava os assuntos e suas peripécias e me sentia completamente feliz.

Observe que a cronista fica feliz com as situações e paisagens cotidianas.



Houve um tempo em que a minha janela se abria sobre uma cidade que parecia feita de giz. Perto da janela havia um pequeno jardim quase seco. Era numa época de estiagem, de terra esfarelada, e o jardim parecia morto. Mas todas as manhãs vinha um pobre homem com um balde e, em silêncio, ia atirando com a mão umas gotas de água sobre as plantas. Não era uma rega: era uma espécie de aspersão ritual, para que o jardim não morresse. E eu olhava para as plantas, para o homem, para as gotas de água que caíam de seus dedos magros, e meu coração ficava completamente feliz.

Às vezes abro a janela e encontro o jasmineiro em flor. Outras vezes encontro nuvens espessas. Avisto crianças que vão para a escola. Pardais que pulam pelo muro. Gatos que abrem e fecham os olhos, sonhando com pardais. Borboletas brancas, duas a duas, como refletidas no espelho do ar. Tudo está certo, no seu lugar, cumprindo o seu destino. E eu me sinto completamente feliz.

Mas quando falo dessas pequenas felicidades certas, que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem diante das minhas janelas, e outros, finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim.

MEIRELES, Cecília. *Escolha o seu sonho*. Rio de Janeiro, Editora Record. 11ª ed. s/d. FRAGMENTO.

Glossário: **aspersão** – ato ou efeito de aspergir, borrifar ou respingar.

Linda crônica, não é mesmo?

A crônica literária traz como traço marcante o olhar para o cotidiano traduzido em linguagem poética. A vivência do cronista e suas observações sobre a vida aparecem no trabalho com as palavras usadas de forma artística, intensificando emoções.

1- No decorrer da crônica, percebe-se que o narrador apresenta os fatos, aqueles colhidos pelo olhar, em dois momentos distintos: passado e presente. Volte ao texto e preencha o quadro abaixo, indicando onde começa e onde termina cada momento e dê exemplos retirados do texto.

	Passado	Presente
PARTES DO TEXTO		
EXEMPLOS RETIRADOS DO TEXTO		

2- Há, em toda a crônica, um sentimento que permanece na percepção do narrador. Que sentimento é esse? Justifique sua resposta com um trecho do texto.

3- Veja, agora, o último parágrafo:

“Mas quando falo dessas pequenas felicidades certas, que estão diante de cada janela, **uns** dizem que essas coisas não existem diante das minhas janelas, e **outros**, finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim.”

As palavras em destaque têm um sentido. Pode-se perceber que elas se referem a pessoas em geral. Essas pessoas apresentam opiniões distintas sobre as “felicidades certas”. Retire, do texto, essas opiniões.



4- Toda narrativa apresenta fatos que ocorrem em determinado tempo e lugar. Na crônica lida, os fatos ocorrem em lugares bem definidos. Aponte-os , completando o quadro abaixo.

PARÁGRAFO	TEMPO	LUGAR (ES)
1º parágrafo		
2º parágrafo		
3º parágrafo		
4º parágrafo		

ESPAÇO CRIAÇÃO

Pequenas felicidades certas

Na crônica, vimos que admirar um pombo branco que pousa num ovo de louça azul ou um barco carregado de flores trazia felicidade para a cronista desde a sua infância.

Pense em paisagens ou situações que podem trazer “pequenas felicidades certas” para você, em seu cotidiano.

Se desejar, aproveite o título colocado no início da proposta.

Ao terminar, mostre seu texto a um colega e compartilhe sua emoção. Ou, então, combine com seu Professor e leia para a turma.

Vamos ler, agora, outro texto: **O luar.**
Trata-se de uma tirinha bastante interessante!



Observe a tirinha e responda:

1- O que as personagens da tirinha estão fazendo?

2- A noite está enluarada mas parece fria. Que detalhe da imagem nos permite chegar a essa conclusão?

3- No 1º quadrinho da tira, a personagem reclama do lugar em que ficou sentada. Retire da tira o trecho que comprove essa afirmação.

4- Há um clima sentimental na tira? Como podemos perceber isso?

Leia os textos abaixo com bastante atenção!



A



B

Numa noite fria e enluarada, uma moça e um rapaz, sentados separadamente, parecem estar dialogando. Um deles afirma que o melhor lugar para olhar as estrelas está sempre ocupado. O outro responde que o melhor lugar para se olhar estrelas é ao lado de alguém.

Comparando os dois textos, podemos afirmar que se trata da mesma história, contada de formas diferentes. Analise os dois textos quanto

à linguagem utilizada:

A

B

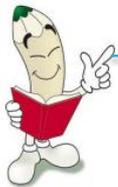
à presença do narrador:

A

B



- ✓ Quando a fala do próprio personagem é reproduzida no texto, chamamos o **discurso** de **direto**.
- ✓ Se é o narrador quem nos apresenta a fala do personagem, chamamos o **discurso** de **indireto**.



Agora, vamos ler um texto que traz outras ideias sobre a “arte” da felicidade. Leia e reflita.



CONSUMIR MENOS, CURTIR MAIS



BOTA-FORA Sutton, do Culto ao Menos: ele se livrou de quase tudo

Em busca de mais liberdade e felicidade, o nova-iorquino Kelly Sutton, 23 anos, tomou uma decisão radical: livrou-se de todos os bens que considerava supérfluos. Engenheiro de software, Sutton criou o site Cult of Less (Culto ao Menos), onde catalogou todos os objetos que possuía, das canetas até o carro, e colocou-os para venda ou doação. Só não entraram no bota-fora os aparatos tecnológicos, como um MacBook Pro e um iPad, necessários para sua profissão. “Hoje compro menos coisas, mas mais legais”, afirma.

1- Com que objetivo Kelly Sutton livrou-se dos bens que considerava supérfluos?

2- Por que Sutton não se livrou dos aparatos tecnológicos?

3- Que sentido tem, no texto, a expressão “bota-fora”?

http://www.istoe.com.br/reportagens (adaptado)

4- Observe os trechos:

“...livrou-se de todos os bens que considerava **supérfluos**.”

“Só não entraram no bota-fora os aparatos tecnológicos (...) **necessários** para sua profissão.”

Que efeito de sentido as palavras em destaque trazem para o texto?

5- Compare os textos *A arte de ser feliz* e *Consumir menos, curtir mais*, indicando o que há de semelhante entre eles.

Observe o trecho:

“Engenheiro de **software**, Sutton criou um **site**...”

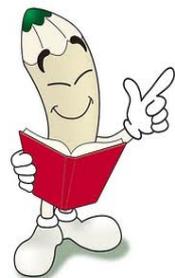
As palavras em destaque pertencem à língua inglesa. Faça uma pesquisa, buscando seu significado. Você conhece outras palavras estrangeiras usadas nos textos sobre internet ou que circulem por meio dela? Faça uma lista e dê os seus significados.

Você percebeu que Kelly Sutton livrou-se do que considerava supérfluo e ficou com o que achava necessário. Com certeza, ele fez escolhas e não se deixou levar pelo consumismo.

E por falar em consumo... como somos informados sobre os produtos que estão à venda no mercado? Na maioria das vezes, somos levados à compra de produtos por meio de anúncios publicitários.

Será que tudo aquilo que desejamos comprar é realmente necessário? Ou é supérfluo?

Converse com seu Professor e com seus colegas, antes de passar para a página seguinte.



Primeiro anúncio oficial



Você vai ler um texto muito antigo, que mostra como eram os anúncios publicitários no século XIX.

Os primeiros anúncios foram publicados no jornal Gazeta do Rio de Janeiro, em forma de classificados. Esse foi o gênero dominante na publicidade do século XIX.

**ANNUNCIO**

Quem quizer comprar huma morada de cazas de sobrado com frente para santa Rita falle com Anna Joaquina da Silva, que mora nas mesmas cazas, ou com o Capitão Francisco Pereira de Mesquita que tem ordem para as vender.

RIO DE JANEIRO, NA IMPRESSÃO REGIA. 1808.

1- O anúncio publicado na Gazeta do Rio de Janeiro se dirige a que público?

2- Se houver interesse na compra, a quem o comprador deve se dirigir?

3- Além do ano de 1808, que outros elementos nos permitem concluir que esse texto é muito antigo?



Percebeu que os anúncios não tinham imagens? Isso mudou com os avanços tecnológicos. Veja:

Novos recursos na indústria gráfica nos trouxeram os anúncios ilustrados

Empresas anunciantes como Nestlé e Emulsão Scott, investem na publicidade brasileira, adotando anúncios com ilustrações. A indústria gráfica passa a usar recursos mais avançados. Os anúncios ganham cores, com o lançamento das revistas ilustradas. A publicidade brasileira se moderniza.

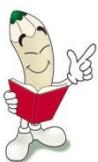


A história da publicidade brasileira surgiu bem antes dos nossos atuais anúncios. Hoje, você conhece muitos produtos por meio da televisão, mas nem sempre foi assim. Os registros, de meados de 1800, data inicial da história da publicidade brasileira, revelam que os anúncios eram feitos nos jornais e revistas que circulavam pelo país.

Desde a sua origem, até os dias de hoje, a publicidade passou por importantes e grandes mudanças, acompanhando as necessidades do mercado.

No início do século XX, surge o rádio, trazendo outras possibilidades de comunicação: há uma nova forma de anunciar produtos, com a utilização desse veículo. O público conhece, dentro da programação transmitida, os produtos anunciados com textos específicos e músicas que ampliavam sua popularização.



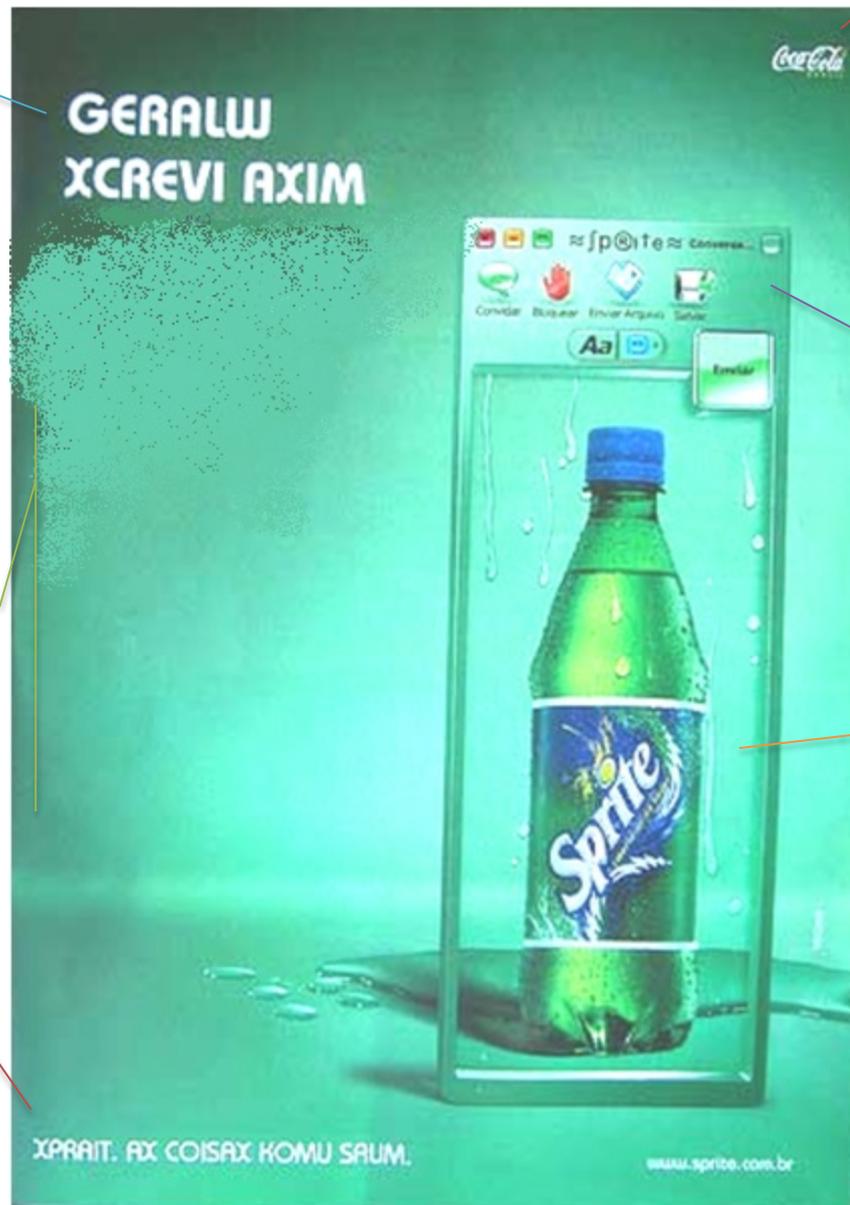


O tempo passou... A publicidade acompanhou as mudanças do mundo... Veja como a linguagem da internet foi aproveitada no anúncio publicitário:



Observando imagens...

SLOGAN:
TÍTULO DA MENSAGEM
QUE SE QUER
TRANSMITIR.



LOGOMARCA DO
ANUNCIANTE

IMAGEM

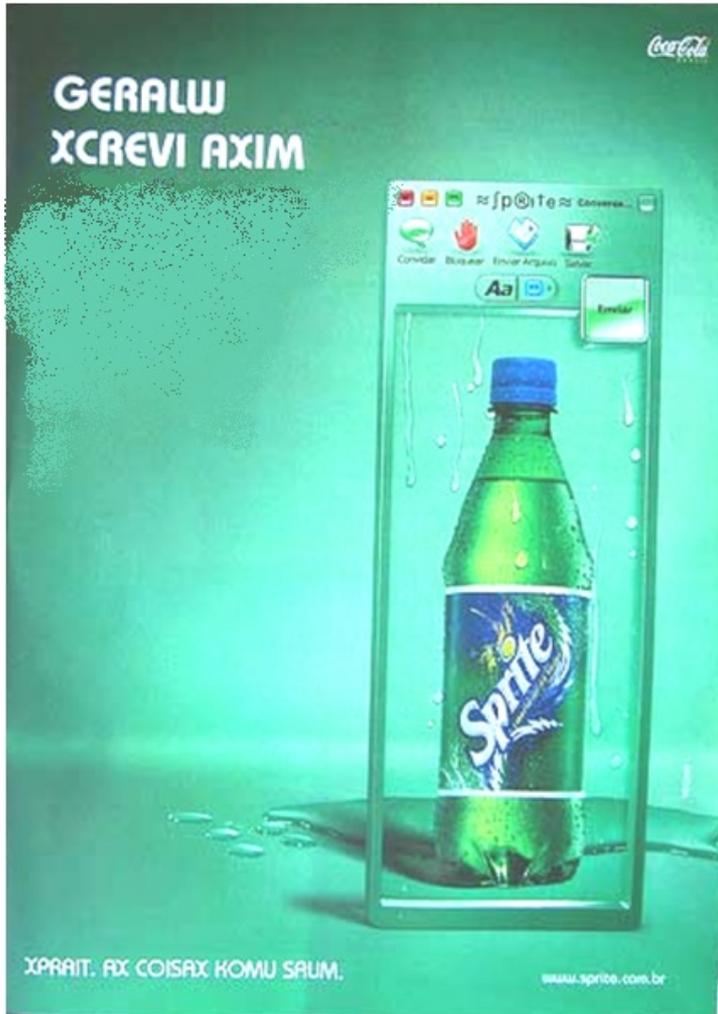
PRODUTO

A combinação dos elementos da propaganda – imagens, textos, formas e cores – provoca sempre um efeito visual global que pode torná-la mais ou menos eficaz. Por isso, a forma como se organiza a composição desses elementos é muito importante!

O TEXTO AUXILIAR SERVE
PARA ACRESCENTAR
INFORMAÇÃO:
“XPRAIT. AX COISAX KOMU
SAUM”

Adaptado de <http://fam3.static.flickr.com/jpg>

Interpretando imagens...



O texto auxiliar “**XPRAIT, AX COISAX KOMU SAUM.**” revela que o anunciante possui um registro escrito em uma linguagem diferente da linguagem formal.

1. Você também conhece essa linguagem? De onde você a conhece?

2. O texto do anúncio é misto, ou seja, utiliza linguagem verbal e não verbal. A união das duas contribui para o sentido da mensagem. Indique que elemento não verbal nos dá a certeza de se tratar de uma linguagem usada na internet.

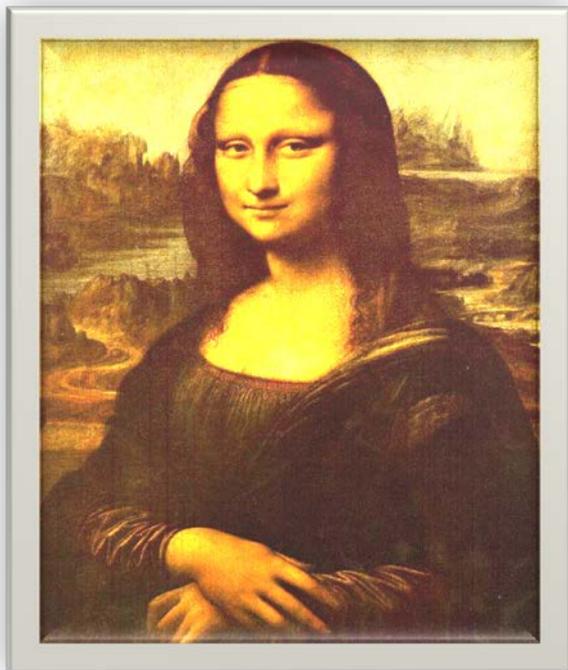
3. Reescreva, aqui, o *slogan* da campanha publicitária, utilizando a linguagem formal.

4. Analisando todos os dados, podemos afirmar que, de acordo com a linguagem utilizada, a propaganda procura alcançar que tipo de consumidor?



Paródia é a recriação de uma obra geralmente conhecida e consagrada. A construção da paródia traz um novo olhar, com tom irônico, engraçado, crítico e/ou contestador.

Na história da publicidade, a paródia foi muitas vezes utilizada para chamar ainda mais a atenção do público para o que se quer anunciar.



Leonardo da Vinci foi um pintor italiano do século XVI, conhecido mundialmente por sua obra-prima MONALISA, que serviu de base para a paródia feita no anúncio da BOM BRIL.



Se não conhecêssemos a obra-prima de Leonardo da Vinci, não poderíamos entender a paródia feita na peça publicitária.

Agora, é sua vez de entrar na brincadeira. Desenhe, ao lado, sua paródia da MONALISA.

Entendendo a paródia

Veja o trabalho de arte com a utilização de música na campanha de publicidade que tem, como proposta, o tema “**Entre no ritmo.**”

GAROTA DE IPANEMA

Tom Jobim

Olha que coisa mais linda ←

Mais cheia de graça →

É ela menina

Que vem e que passa

No doce balanço, a caminho do mar

Moça do corpo dourado

Do sol de Ipanema

O seu balançado é mais que um poema

É a coisa mais linda que eu já vi passar

Ah, porque estou tão sozinho

Ah, porque tudo é tão triste

Ah, a beleza que existe

A beleza que não é só minha

Que também passa sozinha

Ah, se ela soubesse

Que quando ela passa

O mundo inteirinho se enche de graça

E fica mais lindo

Por causa do amor



<http://letras.mus.br/tom-jobim/20018/>

Você sabia?

A propaganda faz parte do nosso cotidiano: são os comerciais de rádio, de televisão, jornais, revistas, cartazes ...

Você notou que o texto tem a finalidade de conquistar e convencer o possível comprador?

Ele pretende chamar sua atenção, despertar seu interesse e criar a necessidade de consumir um determinado produto. Utiliza, como estratégia, frases curtas, que facilitam a compreensão e a memorização.

SLOGAN

Frase resumida e marcante que se destina a ser rapidamente memorizada pelo leitor/consumidor, e que costuma ser repetida sempre, em toda propaganda desses produtos.



Interpretando imagens...



1- A quem é dirigido esse anúncio?

2- Que trecho da letra da canção foi utilizado como base para a paródia?

3- Qual o slogan dessa propaganda?

4- Que elemento na imagem nos permite afirmar que é a couve quem canta?

5- Que detalhes da imagem do cartaz reforçam a relação existente entre este anúncio e a letra da canção?

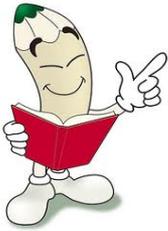
ESPAÇO CRIAÇÃO

Faça agora você o seu anúncio publicitário. Escolha um livro ou revista em quadrinhos para anunciar.

Crie um *SLOGAN*. Lembre-se de que *SLOGAN* é uma frase resumida, marcante...

Anuncie aqui. Utilize frases curtas, convincentes, que mostrem as vantagens do que está sendo anunciado.

Se desejar, realize a atividade em grupo. Combine com seu Professor.



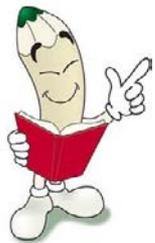
Agora, vamos trabalhar outro gênero textual muito conhecido por todos nós: o **CONTO**. Neste caderno, trabalharemos o conto popular.

O conto é um texto de base narrativa que conta histórias. Existem diferentes tipos de contos... São histórias para todos os gostos! O conto apresenta uma sequência de fatos, vividos por personagens, em determinado tempo e lugar. Algumas vezes traz um narrador que é apenas um observador, outras vezes é uma personagem quem conta a história.

Vamos ver algumas características dos contos em geral:

- ✓ É UMA NARRATIVA CURTA.
- ✓ O TEMPO EM QUE SE PASSA É REDUZIDO.
- ✓ A LINGUAGEM É SIMPLES E DIRETA.
- ✓ TODAS AS AÇÕES SE ENCAMINHAM DIRETAMENTE PARA O DESFECHO.
- ✓ ENVOLVE POUCOS PERSONAGENS E, OS QUE EXISTEM, MOVIMENTAM-SE EM TORNO DE UMA ÚNICA AÇÃO.
- ✓ AS AÇÕES SE PASSAM EM UM SÓ ESPAÇO, CONSTITUEM UM SÓ EIXO TEMÁTICO E UM SÓ CONFLITO.

Vamos, agora, passear por culturas de outros povos.
Aproveite os contos populares para enriquecer seu acervo de histórias!



O conto que você vai ler veio da **cultura grega**. É uma história conhecida no mundo todo e você não pode deixar de conhecê-lo.
Você já teve vontade de voar?

O SONHO DE ÍCARO

Era primavera. Logo que entardeceu, Ícaro ficou admirando a despedida do sol.

O jovem sonhador imaginava-se abraçando o infinito, conquistando as alturas, indo onde nenhum outro mortal jamais havia chegado.

– Como eu gostaria de voaaaarr..., fazer nas nuvens os mais engraçados desenhos..., pular de estrela em estrela..., ser um viajante dos céus! – dizia ele, enquanto observava um velho pedaço de pano que o vento fazia rodopiar sobre sua cabeça.

De repente, aquela simples visão deu-lhe uma brilhante ideia.

– Como não pensei nisso antes?! Primeiro, descubro como fazer voar pequenas coisas, depois ficará mais fácil fazer eu mesmo voar, oras! – disse a si mesmo.

No caminho de volta para casa, deparou-se com alguns garotos da vizinhança.

– Aonde vai com tanta pressa? – perguntou um deles

– No mínimo, ele está tentando levantar voo – respondeu o outro menino.

Ícaro ficou calado. Sabia que ninguém acreditaria na possibilidade de seu sonho tornar-se realidade. Iriam, mais uma vez, rir dele

– Falo com vocês depois.

Em casa ele separou todos os materiais que seriam necessários para construir sua invenção: filetes de madeira, linha muito forte e um pedaço de tecido.

Com a madeira, Ícaro fez uma armação e nela prendeu o tecido. Depois, amarrou a linha e correu novamente para a montanha.

Lá do alto, ele soltou sua invenção que, em poucos segundos, o vento suspendeu no ar.

– Deu certo, deu certo! – gritava todo feliz, segurando a outra ponta da linha.

De longe, os garotos assistiam a tudo, boquiabertos.

Porém, houve o dia em que Ícaro empinou seu brinquedo no céu e uma estranha perdiz aproximou-se dele com um canto assustador.

– Será que esta ave está doente? – perguntou-se.

Observe que o sonho do personagem está dito por ele mesmo.

Perceba que, durante a narrativa, o narrador vai apresentando os lugares em que os fatos ocorrem.



Observe que a perdiz age como inimiga. Qual será a sua função na história?

E antes que pudesse obter uma resposta, a perdiz avançou violentamente sobre sua invenção e a fez em pedaços.

Ícaro ficou desesperado e voltou para casa aos prantos. Seu pai, ao vê-lo naquele estado, quis saber o que havia acontecido:

— Era uma perdiz branca, pai. Parecia estar com muita raiva

— Preciso contar-lhe um segredo – disse Dédalo cabisbaixo.

Então começou dizendo que ainda era muito jovem quando se tornou o mais famoso artesão de Atenas. Todos o respeitavam, pois ele criava os mais incríveis inventos para facilitar a vida das pessoas.

Tudo corria muito bem até que Talo, seu sobrinho, decidiu trabalhar na oficina. Ele era muito criativo, aplicado.

Com o passar dos dias, essa dedicação resultou em criações ainda mais incríveis do que as de Dédalo. A partir de então, todos esqueceram o antigo inventor. Era só Talo. Uma incontrolável inveja dominou Dédalo, fazendo-o cometer uma loucura: empurrar o jovem sobrinho para a morte, do alto de uma colina.

A deusa Atena apiedou-se ao ver aquele corpo jovem e inocente sem vida no chão e transformou-o em uma perdiz branca.

Quanto a Dédalo, foi julgado e condenado, e deveria construir apenas o que o rei Minos mandasse.

A primeira ordem foi a de construir uma prisão para o terrível Minotauro. Então, Dédalo construiu o labirinto de onde nenhuma criatura seria capaz de sair.

— A perdiz que você viu é Talo. Deve estar tentando se vingar! – finalizou o pai.

Ícaro estava imóvel. Não sabia se era por medo da ave ou por ouvir tal confissão do pai.

— O que fazemos agora? – perguntou num sussurro.

— Fique em casa. Não quero que vá para a montanha. É arriscar-se demais – disse Dédalo.

Uma semana depois, teve-se a notícia de que o herói Teseu havia entrado no labirinto, matado o terrível Minotauro e conseguido sair. Logo, o rei Minos exigiu a presença de Dédalo em seu castelo.

— Como é que você pôde me trair dessa forma? – gritou o rei.

— Mas o que foi que eu fiz? – indagou Dédalo, assustado.

— Não minta! Garantiu-me que jamais alguém conseguiria sair do labirinto.

Dédalo não conseguiu convencer Minos de que o traidor não havia sido ele.

— A única maneira de me provar que não foi você é jogando-se dentro do labirinto, junto com seu filho Ícaro! Se saírem, vocês morrerão. Se não saírem, morrerão do mesmo jeito... – sentenciou o rei, ordenando aos soldados que jogassem pai e filho dentro da mais terrível prisão já construída em toda a Grécia.



Durante o percurso até o labirinto, Ícaro ia escondendo, sob a roupa, uma variedade de materiais.

E assim, pai e filho foram jogados no labirinto. Lá dentro, eles caminharam por entre os corredores infinitos. Dédalo logo desanimou:

– É inútil, meu filho, sei que não há meios de sairmos daqui.

Durante dias, os dois ficaram lamentando sua triste sorte.

Houve uma tarde em que Ícaro voltou a olhar o céu... O rastro de cores... O leve tecido de sua roupa voando e... De repente, uma ideia! Uma nova ideia!

– Pai! Pai! Já sei o que vamos fazer! – gritou Ícaro. – Olhe quantas aves passam por nossas cabeças, deixando cair milhares de penas. Vamos juntá-las e construir dois grandes pares de asas. Sairemos voando daqui!

Por mais de um mês, Ícaro e Dédalo ficaram recolhendo penas de aves que pousavam por ali. Quando o número foi suficiente, amarraram-nas com fios de linho e, sob elas, colocaram cera para que ficassem coladas umas nas outras. Depois, prenderam as asas no corpo com tiras de couro.

Estava tudo pronto. Era hora de tentar voar.

– Está ventando muito lá fora, Ícaro. Não se aproxime do sol, para não se queimar – orientou Dédalo.

A princípio, batiam as asas de maneira desequilibrada, mas, minutos depois, pareciam pássaros deslizando pelo céu.

– Conseguimos! – gritavam, extasiados de alegria.

E Ícaro encantou-se com o brilho do sol e com milhares de pontos coloridos brincando diante de seus olhos. Quando Dédalo olhou para trás, mal podia enxergar o filho.

– Não, Ícaro! Volte imediatamente! É muito perigoso...

Era tarde demais. Na altura em que Ícaro estava não pode ouvir. O sol derreteu a cera que juntava as penas e o jovem sonhador deu um mergulho fatal nas águas do mar.

Desesperado, Dédalo tentou procurá-lo, mas avistou apenas uma insensível perdiz branca que voava alegremente por ali.

Será que o sonho de voar vai dar certo?

Veja o desfecho da história.



<http://th08.deviantart.net/>

Texto adaptado - *O Sonho de Ícaro*, adaptação de Adriana Bernardino.
FTD: São Paulo, 2007.



Analisando o texto...

1- O tempo foi marcado, no início da narrativa, a partir de uma estação. Que expressão nos permite concluir isso?

2- A que se refere a expressão destacada no trecho: “De repente, **aquela simples visão** deu-lhe uma ideia.”?

3- Qual o efeito de sentido produzido pelo uso dos sinais de interrogação e exclamação juntos no trecho do texto “Como não pensei nisso antes?!” ?

4- Ao chegar em casa, Ícaro pôs sua ideia em prática: construiu um brinquedo. O que aconteceu com o brinquedo inventado?

5- Qual a reação de Ícaro diante da destruição de seu invento?



6- Dédalo, pai de Ícaro, ao ouvir as palavras do filho, resolve contar o segredo da perdiz e da inveja que sentiu de seu sobrinho. Qual a causa da inveja sentida por Dédalo?

7- Que relação existe entre Talo e a perdiz?

8- Depois de tanta inveja, o que aconteceu com Dédalo?

9- Por que o rei considerou Dédalo um traidor?

10- Que castigo ele sofreu?

11- Qual o efeito de sentido do uso de reticências no trecho “Houve uma tarde em que Ícaro voltou a olhar o céu... O rastro de cores... O leve tecido da roupa voando e...” ?



12- Ícaro e Dédalo recolheram penas, amarraram-nas com fios e colocaram cera. Depois, prenderam as asas no corpo com tiras de couro. “Era hora de tentar voar”. Que conselho o pai dá ao filho?

13- O que aconteceu com Ícaro, por não ter ouvido o pai?

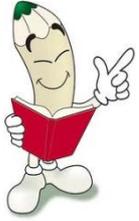
14- O que Dédalo concluiu ao ver “... uma insensível perdiz branca que voava alegremente por ali.”?

ESPAÇO DEBATE

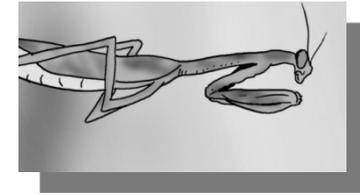
Você concorda com as atitudes tomadas pelos personagens no texto? Converse com seus colegas e com seu Professor. As conclusões devem ser escritas no seu caderno e no quadro, pelo Professor.

ESPAÇO PESQUISA

Agora, você terá a oportunidade de criar um texto bem diferente. Capriche na construção, pois o tema é especial: SONHOS. Crie uma história contando, de forma detalhada, algum sonho tido por você. Dê um título ao texto. Não se esqueça de revisá-lo, observando a pontuação e a ortografia. Caso deseje, combine com o seu Professor e convide um colega para realizar a atividade com você.



Agora, nossa leitura será de um conto de uma outra cultura: a **africana**. Esse conto popular nos traz uma visão de mundo que vai passando de geração a geração. Boa leitura!



O LOUVA-A-DEUS E A LUA

Certa vez, havia um louva-a-deus que tentou pegar a Lua. Ele queria se sentar nela e cruzar o céu todas as noites para que os animais dissessem: “Lá vai o Louva-a-deus viajando na Lua. Ele deve ser um deus e temos que louvá-lo”.

Então o Louva-a-deus poderia, finalmente, passear de forma majestosa. Mas o Louva-a-deus era apenas um inseto, e a Lua ficava muito longe. Mesmo os pássaros da noite, cujas sombras mergulhavam cruzando a face da Lua, nunca a alcançariam; então, como um Louva-a-deus poderia voar até lá – ele, com suas pequenas asas zunindo?

A Lua estava evasiva, porque nem sempre se elevava à mesma hora. O Louva-a-deus decidiu pegá-la assim que ela **despontasse** no horizonte – então estaria grande e desajeitada e subiria com dificuldade no céu.

O Louva-a-deus esperou impacientemente durante todo o dia, até as sombras surgirem sob as pedras e os arbustos. Ele ficou observando. E, quando a Lua surgiu, foi tão silenciosa que ele quase a perdeu. Lá estava ela, presa nos galhos de um espinho-de-camelo.

O Louva-a-deus voou para a árvore em movimentos curtos e urgentes. Ele se esforçou para chegar mais alto e se lançou para lá, mas perdeu o equilíbrio e, quando se ajeitou para pular novamente, ela já havia partido.

Conforme ela foi passando para o quarto minguante, foi subindo cada dia mais tarde. O Louva-a-deus era desalentado em sua observação e muito vagaroso para alcançá-la.

Observe que a palavra deus foi usada no sentido figurado.

A palavra **DESPONTASSE** significa surgisse, aparecesse.



Havia vezes em que não aparecia lua nenhuma e as criaturas do deserto ficavam inquietas. Porque, apesar de a lua sempre retornar para iluminar as regiões dos pastos, [...] talvez, uma noite, pudesse simplesmente cair da grande solidão do céu para baixo, aqui na **Terra**, e nunca mais voltar a subir novamente sobre o deserto. [...]

— Vou preparar uma armadilha — declarou o Louva-a-deus.

O Louva-a-deus foi cabisbaixo até um arbusto para pensar e lá refletiu. De algum modo, ele teria de pegar a Lua e montar sobre ela.

Ele cortou uma estaca e a afiou e a fincou no alto da montanha. Ela prenderia a Lua e a seguraria com uma grande flor branca de baobá aprisionada num espinho.

— Ei, Lua tola! — ele gritou. — Agora eu peguei você! Ah, seu Louva-a-deus sábio e astuto!

Mas a estaca apenas traçou uma sombra na face da Lua e então ela se foi.

O Louva-a-deus gritou com raiva e partiu sua estaca em duas. Ele foi traçar outro plano para enganá-la.

Fez então um *djani*, um bambu comprido e uma pena de perdiz presos numa pequena nervura torcida presa por uma pedra. Arremessado ao ar, ele giraria até o chão, rápido como uma estrela cadente. Certamente giraria em torno da Lua e a traria para baixo.

Quando a Lua estava nova, ele levantou seu *djani* sobre o baobá mais alto e esperou. Quando a lua ascendente estava na altura de seu esconderijo, ele arremessou-o nela. O objeto voou como um chicote, ondulando na curva da Lua. Então caiu suavemente, a pena flutuando como um passarinho caindo. O Louva-a-deus puxou a pedra do *djani* e atirou-o no chão.

A Lua se tornou cheia mais uma vez, e o Louva-a-deus seguiu-a para ver aonde ela ia quando afundava no horizonte. Ele encontrou um profundo lago na areia, pisoteado por cascos de animais e, lá embaixo, bem distante, estava a Lua, presa na água.



Fez uma pausa, fitando o disco brilhante e suspenso. Depois, lançou-se sobre ele, tentando agarrá-lo com suas patas espinhosas. Mas afundou engasgado sob a água.

Por muitas vezes, o Louva-a-deus tentou capturá-la, mas falhou. Finalmente, nervoso, ele pegou uma pedra e a atirou, amaldiçoando-a.

A pedra estilhaçou o reflexo e milhares de fragmentos do luar penetraram os olhos do Louva-a-deus. Cego de dor, ele correu para longe e se escondeu num espinheiro. Não conseguia dormir: não havia escuridão na qual descansar. Não desejou mais ser um deus e montar na Lua para que os animais do deserto o louvassem — ele ficou pensando como poderia um dia ter pensado aquilo.

Subiu pelo espinheiro, para onde os galhos alcançassem o ar morno da noite. Esperou ali até a Lua se erguer. Colocou as patas dianteiras diante de si — fechadas, porque estava rezando — e implorou à Lua que lhe devolvesse a visão.

Então, por fim, ela se fixou na extremidade da pobre solidão do deserto, e o Louva-a-deus permaneceu sentado, curvado para ela enquanto rezava.

Quando veio a luz do dia, a Lua apareceu pálida e serena, e as sombras dos espinheiros caíram afiadas sobre a areia; o voo dos pássaros era seguro e veloz, e o Louva-a-deus sabia que ela havia levado todos os estilhaços de seus olhos.

Isso foi há muito tempo. Mas os filhos do Louva-a-deus continuam vivendo ali, nas cores marrom e verde, como as folhas que mudam de acordo com as estações. E, quando eles se sentam, suas patas dianteiras se erguem em oração para a Lua, que perdoou e restituiu a visão do ancestral deles — o pequeno, de asinhas curtas, que queria ser um deus.

Analisando o texto...

1- No 1º parágrafo, é apresentado o desejo que move o personagem Louva-a-deus. Que desejo é esse?

2- Observe o trecho do texto: “...poderia finalmente passear de forma **majestosa**.”
Veja como a palavra destacada aparece no dicionário:

Majestoso

Ma.jes.to.so

Adj (lat majestas+oso) 1 Que tem majestade. 2 Suntuoso, grandioso, imponente.

Quais desses significados a palavra destacada assume no texto?

3- Veja essa sequência de ideias:

“... o Louva-a-deus poderia finalmente passear de forma majestosa”.

“**Mas** o Louva-a-deus era **apenas** um inseto...”

a) Que ideia expressa a palavra **mas**, no texto acima?

b) Qual o sentido da palavra **apenas**, no trecho acima?



4- Por que o Louva-a-deus não conseguia alcançar a Lua?

5- No 3º parágrafo, encontramos a 1ª estratégia criada pelo Louva-a-deus para pegar a Lua. Que estratégia foi essa?

6- Leia o trecho:

“A Lua estava acima dele...**ela** já havia partido.”
A quem se refere a palavra em destaque?

7- Perceba que a cada movimento do Louva-a-deus, a Lua fica mais distante dele. O que isso revela?

8- Por que “as criaturas do deserto ficavam inquietas” quando a Lua não aparecia?

9- No trecho “— Ei, Lua tola! — ele gritou. — Agora eu peguei você! **Ah, seu Louva-a-deus sábio e astuto!**”, a quem o Louva-a-deus está se referindo, na parte destacada?



10- Qual a função do *djani*?

11- Após ter jogado o *djani* e não ter alcançado êxito, o Louva-a-deus seguiu a lua para ver aonde ela ia quando afundava no horizonte. O que ele, dessa vez, fez para alcançá-la?

12- O que significa a expressão destacada em: “Fez uma pausa, fitando o **disco brilhante** suspenso.”?

13- “Por muitas vezes, o Louva-a-deus tentou capturar a Lua, mas falhou. Finalmente, nervoso, ele pegou uma pedra e a atirou, amaldiçoando-a.”
Que consequência essa ação provocou?

14- Após o clímax, a história continua para chegar ao desfecho, à solução do conflito inicial. O que aconteceu no final da história?

ESPAÇO CRIAÇÃO

Esse conto nos apresenta dois personagens: o Louva-a-deus e a Lua. A Lua é grandiosa e sabe de seus encantos. O Louva-a-deus tem seus sonhos e tenta realizá-los. O que aconteceria se o Louva-a-deus tivesse conseguido pegar a Lua?

Escreva, em seu caderno, um outro final para a história. Caso deseje, convide um colega para realizar a atividade com você. Combine com seu Professor.

E por falar em lua... Leia agora um texto que informa sobre as fases da lua.



Fases da Lua

Se você observar a lua, durante o decorrer de um mês, irá verificar que ela muda de forma com o passar dos dias. Ou parece mudar. As formas que a lua assume, enquanto está “mudando”, são as chamadas **“fases da lua”**.

Na verdade, a lua nunca muda. O que muda é apenas a porção da lua que permanece iluminada pela luz do sol e visível para nós. Como a lua possui os movimentos de rotação e de translação sincronizados, nós sempre vemos a mesma face dela voltada para nós e só quando esta face está iluminada pelo sol é que conseguimos vê-la.

Explicando melhor: as fases da lua ocorrem porque ela não possui luz própria. Nós só a vemos quando ela é iluminada pelo sol e reflete a luz dele. E, como a lua gira ao redor da Terra, durante alguns momentos dessa trajetória sua face, que permanece voltada para nós, não recebe luz do Sol, ficando totalmente no escuro. Conforme ela vai progredindo em sua órbita em torno da Terra, pouco a pouco sua face voltada para nós vai recebendo iluminação do sol.

Tradicionalmente, usamos quatro denominações para descrever as fases principais da lua: lua nova, quarto minguante, quarto crescente e lua cheia. [...]

Texto adaptado de:
<http://www.infoescola.com>

Analisando o texto...

1- Qual a finalidade do texto **Fases da Lua**?

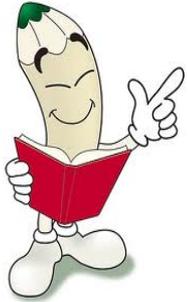
2- A linguagem formal utilizada está de acordo com a intenção do texto? Justifique.

3- Por que o texto afirma que “Na verdade, a lua nunca muda.”?

4- De acordo com o texto, quais as quatro denominações tradicionais para descrever as fases da lua?

5- Por que a palavra em destaque está com inicial maiúscula “E, como a lua está em órbita da **Terra**...”?





No conto **O LOUVA-A-DEUS E A LUA**, você viu que a lua tem fases: nova, minguante, cheia...

Vamos, agora, ler um outro texto em que a lua está presente. Você já deve ter conhecimento de uma história cujo personagem, uma vez chegando à lua cheia, transforma-se em...

Divirta-se!



Analisando o texto...

1- Observe que, no primeiro quadrinho, o homem está realizando uma ação em um determinado lugar.

a) Que ação é essa?

b) Em que lugar ela acontece?

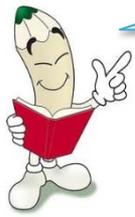
2- Nota-se que, pela janela, a lua aparece em todos os quadrinhos. Que diferença pode-se notar na sequência da lua?

3- Que transformação o homem sofre a partir do 3º quadrinho?

4- Que relação há entre a transformação do homem e a lua?

5- Que história popular você vê aqui representada?

6- Em que consiste o humor dessa tira?



Nossa leitura agora nos levará para outra cultura: a **INGLESA**. “As estrelas do céu” é uma adaptação do original de Carolyn Sherwin Bailey, Kate Douglas Wiggin e Nora Archibald Smith, que está em 'O LIVRO DAS VIRTUDES PARA CRIANÇAS', organizado por William J. Bennett. Esse conto popular fala de um sonho.

Vamos a ele!

As estrelas do céu

Era uma vez uma garotinha que desejava nada mais do que tocar as estrelas do céu. Nas noites claras sem luar, ela se debruçava na janela do quarto e ficava olhando para as milhares de luzinhas espalhadas pelo céu, imaginando como seria se pudesse ter nas mãos uma delas.

Numa noite morna de verão, quando a Via Láctea brilhava mais do que nunca, achou que já não aguentava mais esperar – tinha de tocar numa ou em duas estrelas, fosse como fosse. Pulou da janela e partiu sozinha para ver se conseguiria satisfazer seu intento.

Ela andou, andou muito e chegou a um moinho de vento.

– Boa noite! – disse ela para a mó – Eu gostaria de brincar com as estrelas do céu. Você viu alguma por aqui?

– Ora! Vi, sim! – resmungou a mó – Toda noite elas brilham no meu rosto; a luz vem desta lagoa e não me deixa dormir. Pode mergulhar, minha jovem, que você vai encontrá-las.

A menina mergulhou na lagoa e ficou nadando até cansar, mas não conseguiu encontrar estrelas.

Ela, então, se dirigiu à velha mó:

– Desculpe, mas eu não acho que esta lagoa tenha estrelas!

A menina saiu da lagoa, procurou se secar o melhor que pode e partiu de novo pelos campos afora.

– Boa noite, riachinho! – disse ela, educadamente. – Estou tentando alcançar as estrelas do céu para poder brincar com elas. Você viu alguma por aqui?

– Ora! Vi, sim! – sussurrou o riacho. – Entre na água, minha jovem, que você vai encontrá-las.

A menina entrou, ficou andando pelo riacho, mas não conseguiu encontrar estrela alguma. Dirigiu-se, então, ao riacho, com a máxima delicadeza:

– Desculpe, mas aqui não parece haver estrelas.

– Você está dizendo que aqui não tem estrelas? – replicou o riacho.





– Pois há muitas estrelas por aqui, sim. Eu sempre vejo. Tem noite que cobrem toda minha superfície, daqui até a velha lagoa do moinho. São tantas que nem sei o que fazer com elas.

E o riacho continuou se lamentando, acabando por esquecer-se da garotinha, que aproveitou e saiu de fininho, tomando os campos outra vez.

Passado algum tempo, sentou-se para descansar numa campina e, num piscar de olhos, cerca de cem fadinhas precipitaram-se a dançar sobre a relva.

– Boa noite, Pequenas Criaturas! – cumprimentou a menina. – Estou tentando alcançar as estrelas do céu. Vocês viram alguma estrela por aqui?

– Ora! Vimos, sim! – disseram as fadas. Venha dançar conosco, mocinha, que você vai encontrar quantas quiser.

Convite aceito, pôs-se a dançar, mas ela não conseguiu ver nenhuma estrela.

– Já cansei de tentar e não consigo alcançá-las aqui embaixo. – Se vocês não me ajudarem, não vou arranjar nunca uma estrela para brincar.

– Se você está mesmo determinada, continue em frente. Siga sempre em frente. Peça ao Quatro Pés para levá-la até o Sem Pés, e diga ao Sem Pés para levá-la até a Escada Sem Degraus, e se você subir lá...

– Vou chegar até as estrelas do céu? – gritou a mocinha. Se você não chegar lá, chegará em outro lugar qualquer, não é mesmo? A menina retomou o caminho, esperançosa, e logo encontrou um cavalo selado, amarrado a uma árvore.

– Boa noite! – disse ela. – Estou tentando alcançar as estrelas do céu. Você me daria uma carona?

– Não sei nada de estrelas do céu – retrucou o cavalo, só estou aqui para atender às Pequenas Criaturas.

– Monte aí e vamos embora.

E os dois se foram, e andaram muito, andaram tanto que saíram da floresta e chegaram à beira do mar.

– Eu trouxe você até o fim da terra, e isso é tudo que Quatro Pés pode fazer.

A menina apeou e começou a andar pela praia, tentando imaginar o que fazer, até que um peixe maior do que todos os que já tinha visto na vida veio nadando até bem pertinho dos seus pés.

– Boa noite! – disse ela. – Eu estou tentando alcançar as estrelas do céu. Você pode me ajudar?

– Sinto muito, mas não posso – falou o peixe, soltando borbulhas. – Não ser que você tenha ordem das Pequenas Criaturas.

– Mas eu tenho.



– Puxa! Cheguei – sussurrou ela baixinho. E ficou ali, olhando maravilhada para aquilo tudo.

Mas em pouco tempo percebeu que estava tremendo de frio e, ao olhar para baixo, não viu mais a Terra, perdida na escuridão. Quis encontrar sua casa, mas não dava nem para ver as luzes das ruas ou das janelas em meio àquele breu.

“Não vou embora sem ter tocado ao menos numa estrela”, pensou ela. Colocou-se na ponta dos pés e esticou o braço. Esticou ainda mais um pouco... e, de repente, uma estrela cadente passou zunindo pertinho dela. A menina tomou um susto tal que perdeu o equilíbrio.

E caiu, e foi caindo, caindo, escorregando pelo arco-íris. Quanto mais descia, mais o ar esquentava e mais sonolenta ela se sentia. Abriu enorme bocejo, soltou um pequeno suspiro e, sem perceber, entrou em sono profundo.

Quando acordou, estava em sua própria cama.

– Será que eu toquei mesmo nas estrelas? Ou será que foi tudo um sonho?

Sentiu que havia algo na mão e abriu-a, com a palma estendida para cima.

Uma luzinha brilhou e num instante desapareceu. A menina sorriu contente, sabendo que aquilo era um restinho da poeira das estrelas.

Adaptado - Tradução de Ricardo Silveira





Analisando o texto...

1- Releia o primeiro parágrafo do texto:

“Era uma vez uma garotinha que desejava nada mais do que tocar as estrelas do céu. Nas noites claras sem luar, ela se debruçava na janela do quarto e ficava olhando para as milhares de luzinhas espalhadas pelo céu, imaginando como seria se pudesse ter nas mãos uma delas.”

Que expressão do texto é utilizada para registrar quando os fatos narrados ocorreram?

2- Qual o efeito de sentido produzido pela repetição da palavra **fosse** no trecho “tinha de tocar numa ou duas estrelas, **fosse** como **fosse**.”?

3- No trecho “Pulou da janela e partiu sozinha para ver se conseguiria satisfazer seu intento.”, que palavra indica o momento em que a caminhada é iniciada rumo às estrelas?

4- Há um momento da narrativa em que a garotinha começa a dialogar com um moinho de vento. Transcreva a primeira parte deste diálogo.



5- No trecho do texto “– **Ora!** Vi, sim!” a palavra em destaque expressa que sentimento em relação à pergunta anterior feita pela garotinha?

6- O que fez a menina quando saiu da lagoa sem ter conseguido encontrar estrela alguma?

7- A garotinha caminhou e encontrou o riacho, mas ainda não encontrou estrelas e, com muita delicadeza, afirmou que ali não parecia haver as estrelas que procurava. Mas o riacho indignou-se e deu uma resposta à garotinha. Transcreva do texto o trecho do diálogo em que esse sentimento torna-se evidente.

8- Após duas tentativas, sem sucesso, a garotinha sentou-se para descansar numa campina. Relacione os personagens que surgem na história, a partir desse momento, a seus respectivos nomes.

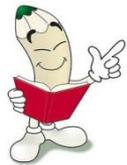
PERSONAGENS	NOMES
Fadas	
Cavalo	
Peixe	

9- No texto, aparecem algumas expressões com sentidos novos, figurados. Qual o significado da expressão destacada no trecho abaixo:

“E o riacho continuou se lamentando, acabando por esquecer-se da garotinha, que aproveitou e saiu **de fininho...**” ?

10- Que recurso foi utilizado no texto para representar o barulho do mergulho da menina e do Sem Pés na água?

11- No trecho “Não vou embora sem ter tocado ao menos numa estrela.” aparecem aspas. O que elas indicam?



O **enredo**, trama ou intriga é aquilo que dá sustentação à história, ou seja, é o desenrolar dos acontecimentos.

ESTRUTURA DO ENREDO	
INTRODUÇÃO	Geralmente coincide com o começo da história. É o momento em que o narrador apresenta os fatos iniciais, os personagens e, às vezes, o tempo e o espaço.
COMPLICAÇÃO	É a parte do enredo em que é desenvolvido o conflito.
CLÍMAX	É o momento culminante da história, ou seja, aquele de maior tensão, no qual o conflito atinge o seu ponto máximo.
DESFECHO	É a solução do conflito, que pode ser surpreendente, trágica, cômica etc. Corresponde ao final da história.

Organizando ideias

Agora, volte ao texto AS ESTRELAS DO CÉU e retire de lá as informações necessárias para o preenchimento do quadro resumo.



ESTRUTURA DO ENREDO	
INTRODUÇÃO	
COMPLICAÇÃO	
CLÍMAX	
DESFECHO	

Ouvir Estrelas

Ora (dizeis) ouvir estrelas!
Certo, perdeste o senso!
E eu vos direi, no entanto
Que, para ouvi-las,
muitas vezes desperto
E abro as janelas, pálido de espanto

E conversamos toda a noite,
enquanto a Via-láctea, como um pálio aberto,
Cintila.

E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Dizeis agora: "Tresloucado amigo!
Que conversas com elas?
Que sentido tem o que dizem,
quando estão contigo? "

E eu vos direi:
"Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas."



Olavo Bilac nasceu em 16 de dezembro de 1865, foi jornalista, poeta e membro da Academia Brasileira de Letras.

Foi eleito o "Príncipe dos Poetas Brasileiros" pela Revista Fon-Fon.

1- A quem o eu lírico se dirige em seus versos?

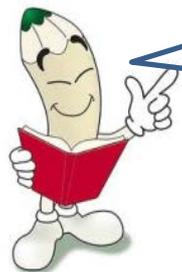
2- O trecho " Tresloucado amigo!" constitui fato ou opinião do eu lírico sobre seu amigo?

3- Que o sinal de pontuação é utilizado para marcar as falas do eu lírico?

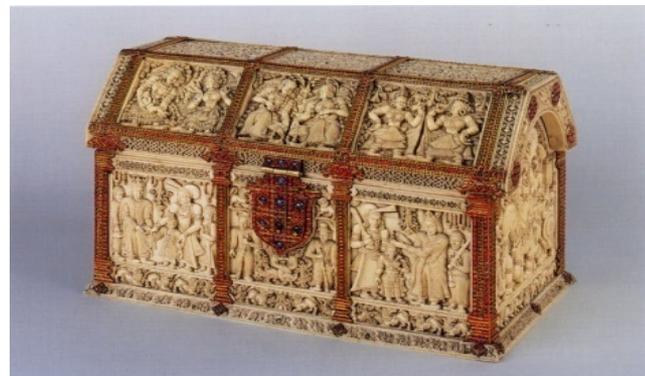
4- Para o eu lírico, o que é necessário para se comunicar com as estrelas?

5- Que trecho do poema nos faz concluir que só quem ama ouve estrelas?





Você viu nos textos anteriores a importância dos sonhos. Veja, ao lado, o cofre mágico. Dentro dele, há aquilo que você sempre sonhou! Abra-o. Divirta-se!!!



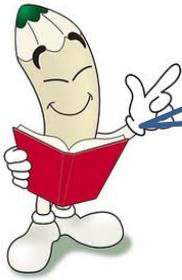
<http://1.bp.blogspot.com>

Escreva um pequeno parágrafo, contando que coisas preciosas poderiam ser encontradas no cofre mágico.

FIQUE LIGADO!!!



Revise seu texto. Verifique, também, a pontuação, a concordância e a ortografia.



“**Quem conta um conto, aumenta um ponto.**” Você conhece esse provérbio? Os contos que estamos trabalhando têm origem na tradição popular. Cada povo tem, em sua cultura, histórias que são contadas ao longo do tempo, de geração a geração, e que podem ser enriquecidas pela imaginação, cada vez que é recontada..

O conto que será lido a seguir é o primeiro do livro *Contos e fábulas do Brasil*. Nele, o personagem principal, ou “**protagonista**”, é um animal que, geralmente, surge como auxiliar mágico nos contos maravilhosos.

O CAVALO E OS MACACOS

Um fazendeiro, que era dono de um cavalo muito trabalhador, enfrentava um sério problema: as plantações estavam sendo atacadas por macacos. Era macaco até não poder mais! O cavalo, já cansado de tanto trabalhar, propôs ao patrão:

– Se eu der um jeito nesses macacos, o senhor me dá a alforria?

O homem concordou e o cavalo seguiu para a roça. Depois, parou num determinado ponto e se fingiu de morto. Um a um, os macacos foram se achegando. Um deles, o que era chefe, falou:

– Vixe! Uma carniça! E agora? O que fazer? Vamos tirá-la do meio do caminho.

E começou a tirar cipó e a trançar cordas. Os macacos amarraram o cavalo e começaram a puxar. Foi ajuntando macaco, até que o cavalo levantou e correu com essa macacada segura e arrastou tudo para a casa do dono da fazenda. O homem prendeu os macacos e os levou para uma mata do outro lado do rio, onde foram soltos; e o cavalo, como prêmio, ficou forro.

HAURÉLIO, Marco. *Contos e fábula do Brasil*. Nova Alexandria 2011

Glossário:

alforria- liberdade concedida;

achegando- aproximando;

vixe- puxa!

forro- liberto.

Analisando o texto...



1- Qual o personagem principal da história?

2- Que fato dá origem à história?

3- Qual o sentido da expressão em destaque em “Era macaco que não podia mais!”?

4- O que o cavalo pretendia ao sugerir uma solução para o problema do fazendeiro?

5- Que tipo de narrador temos nessa narrativa? Narrador-personagem? Narrador-observador? Justifique sua resposta com elementos do texto.

6- Percebe-se que os macacos e o cavalo tiveram finais muito parecidos. O que há em comum nesse finais?

7- Na linguagem informal, é muito comum ouvirmos palavras e expressões como “isso é um barato”, “tô fora”. Retire, do texto, uma palavra que exemplifique o uso desse tipo de linguagem.

**CONSERVE
SEU CADERNO
PEDAGÓGICO.**

**A CADA
BIMESTRE,
GUARDE-O
COM CARINHO.**

**ELE SERÁ
SEU AMIGO
NOS MOMENTOS
DE DÚVIDAS.**

